

Apresentação

Nesta segunda parte do dossiê: imagens, *Verso e Reverso* dá visibilidade às produções da TV, jornal e cinema. Na abertura, a rua - na contracorrente - evidencia que existe vida além da indústria cultural. Ana Karina de Carvalho Oliveira e Ângela Cristina Salgueiro Marques, da UFMG, observaram o processo de abertura de espaços conflituosos de relação entre pichação e mundo da arte, a partir de seis eventos que envolveram pichadores paulistas, entre 2008 e 2012. Jacques Rancière fundamentou a discussão; dele as autoras tomaram de empréstimo a noção de “potência política” (2009, 2010, 2011, 2012), que é definida como a potência de uma imagem para desestabilizar a ordem do dizível e do visível, abrindo novas possibilidades de partilha do sensível.

Simone Maria Rocha e Livia Fernandes Oliveira, da UFMG, analisaram uma série de reportagens veiculadas no Jornal Nacional (TV Globo), em maio de 2013, para verificar em que medida as narrativas tinham por fundamento uma “cultura da droga” e o tema do consumo, negligenciando aspectos fundamentais para uma visão mais complexa da questão. Uma abordagem sob a ótica cultural, afirmam as autoras, exigiria outra postura do telejornalismo. Na sequência, Mariana Nogueira e Flavi Ferreira Lisboa Filho, da UFSM, enquadraram o programa especial Bah, que foi ao ar no dia 20 de setembro de 2012, pela RBS TV. Na articulação entre elementos tradicionais e contemporâneos, postos em cena, a identidade hegemônica gaúcha foi atualizada.

Pedro Pinheiro Neves, da UFP, deslocou o dossiê para o âmbito do cinema. No trabalho apresentado, Neves investigou as estratégias do cineasta espanhol José Luis Guerin para adiar a narrativa, relacionando-as com idéias de Laura Mulvey, no livro *Death 24x second – stillness and the moving image*.

A parte final do dossiê: imagem foi reservada à fotografia. Julia Capovilla, da Unisinos, conjugou fotografia, acontecimento e memória em fotos de família que provocaram reflexões e mudanças na vida de personalidades como Joan Fontcuberta, Roland Barthes e Sigfried Krakauer, sugerindo que a fotografia não congela o tempo, mas o carrega num fluxo orientado tanto para o passado quanto para o futuro. Eliza Bachega Casadei, da FAAC-UNESP, trouxe um estudo longitudinal das imagens publicadas sobre a Amazônia brasileira na revista francesa *Paris Match*, entre 1949 e 2010. A partir do diálogo entre foto e texto, a revista enseja, afirma a autora, imaginários da nostalgia que repetem clichês relacionados a um projeto de futuro.

Maíra Evangelista de Sousa, da UFRGS, voltou-se à circulação de notícias no novo ecossistema midiático. Em uma sociedade altamente conectada, os mesmos conteúdos se reproduzem. Os 18 aplicativos observados são uma transposição do jornal impresso, do rádio, da televisão ou dos portais. A circulação para as redes sociais na internet, quando ocorre, se dá apenas pela via dos botões de compartilhamento. João Paulo Hergesel, da UAM, discutiu como as figuras de pensamento e de harmonia contribuem para a produção do cômico em produtos audiovisuais.

Duas resenhas nos aproximaram do universo dos livros. Thaís Furtado, da Unisinos, apresentou o *Pequeno leitor de papel: um estudo sobre jornalismo para crianças*. Na sequência, Mateus Paul Gruda, da UNESP/Assis, abordou o caráter dialético do humor, presente no livro *As piadas de Žižek: você já ouviu aquela sobre Hegel e a Negação?*. O livro pode proporcionar incômodo e reflexões acerca da realidade para além de diversão e regozijo comumente associados como possibilidades únicas ao humor, avisa Gruda.

Beatriz Marocco
Editora